

## Na montanha

Jorge Lobo Mesquita

Arrisca-se em deambular por locais onde a ausência de cumplicidades de linguagem e parentesco logo fará sobressair a sua condição de estranho. Traz uma quantia considerável em dinheiro, entregue pelo pároco antes da partida, para utilizar apenas em caso de grande aperto.

“Para ajudar ou agravar” alertara o padre no seu sentido prático. “Cem mil rupias no bolso de um homem do povinho, só por si prova alguma coisa, meu filho.”

“Mesmo que tentes explicar que te diriges à costa sul para comprar gado ou algum festejo familiar, soará a falso. Despertarás sempre cobiça a quem se aperceber que transportas esse dinheiro, principalmente aos compatriotas mais invejosos, que sabemos que os há. Quanto aos militares a tua única sorte será usares o dinheiro para colocar um indonésio, a quem o dês, contra um outro que não saiba que o deste, mas no final o teu destino permanecerá sempre incerto, ou infelizmente bem certo.”

Perante isto, esteve quase tentado a esconder o dinheiro logo à saída da aldeia, o que só não faz pelo facto de o padre lhe ter pedido para o entregar aos guerrilheiros. Sobrevivera a tantos anos de deambulações com os bolsos vazios e parece-lhe funesto ameaçarem-no agora perigos novos quando finalmente traz algum dinheiro.

Enceta caminho com a maquia cosida na falda da camisa. No bernal transporta apenas um lenço com tabaco, laranjas e um canivete. E também algumas

moedas, não mais de quinhentas rupias, que espera não gastar na totalidade.

Além de Same, em cujas imediações passa ao fim de dia e meio de marcha, começam a surgir terras menos conhecidas. Logo perto de Alas, e em seguida nos lados de Fatoberliu tem dificuldade em se fazer entender com os moradores, que falam o tétum terik, a língua corrente no lado oriental de Manufahi. Indicam um caminho que era o que estava a pensar seguir, sinal que até ali ainda bem se amanha.

Pernoita sob uma rocha, próximo de uma estrada em terra batida onde se nota a passagem da estação das chuvas, há pouco terminada. Está cansado e adormece facilmente se bem que nada tenha comido todo esse dia. A meio do sono é sobressaltado por um ruído vindo da estrada. Resguarda-se contra a rocha, certifica-se que não pode ser visto. De coração aos saltos vislumbra o jipe do exército que passa vagarosamente, com seis vultos dentro. Pressente que alertados para algo, dado que por norma os militares evitam patrulhas nocturnas em áreas afastadas da montanha.

Respira de alívio quando o jipe se afasta e mais satisfeito fica quando a luz do dia desponta. Volta ao caminho, começa a habituar-se às encostas ermas. Pela cabeça vagueiam-lhe interrogações sem resposta, a mais natural das quais será quanto tenho pela frente, que irei encontrar adiante. Mas faz cadência na caminhada montanha a eito, contornando cabeços e vales, seguindo a direcção que lhe parece mais natural.

Começa porém a estar incerto, quando avista uma sombra pequenina deslocando-se sem movimento certo na colina vizinha. Acelera o passo e consegue observar o homem, sem ser notado. Pelos cabelos longos e barba crescida, pelas botas gastas, será um guerrilheiro, pensa. As roupas esfarrapadas poderão mesmo ser restos de camuflado, dessas antigas fardas portuguesas que ainda se avistam por vezes na montanha. Não tem contudo qualquer arma, nem sequer uma simples faca de mato.

Está sem saber como se aproximar, quando o vulto bruscamente desaparece por detrás da cumeada. Quando a galga, vê o pobre diabo, coberto de trapos e com um ar escanzelado de fome, com o olhar preso num charco de água, formado pelo jorro de uma nascente.

É um vagabundo da montanha, atordoado por sofrimentos e privações, provavelmente antigo combatente desgarrado. Sorri e dirige-lhe palavras mansas, evitando assustá-lo. Retira do bernal as laranjas e reparte-as com o louco. Com as unhas, onde parece encrostada toda a sujidade da montanha, este rasga a casca da laranja, levando-a inteira à boca, sem lhe separar os gomos.

Perante o mesmo olhar vazio, incerto de ser compreendido, procura persuadir o vagabundo a mergulhar consigo no charco. Após uma hesitação começa a desembaraçar-se da farpela, imitando-o. Demora-se quando se trata de desenvenhar as botas, talvez por temor de perder o seu bem mais precioso ou apenas por dificuldade em desatar os atacadores, que parecem fechados por nós de décadas.

Entram lado a lado no charco, o louco reagindo com a timidez de quem entra em água pela primeira vez. Conta-lhe histórias e fá-lo repetir cada um dos seus gestos. Propositadamente prolonga o momento em que mergulha. Quando emerge nota o olhar do vagabundo, saudando com alívio a sua reaparição. Pegando-lhe nas mãos, o mensageiro repete acompanhado o mergulho, voltando a repeti-lo mais algumas vezes, cantarolando uma lengalenga que incentiva o louco, cujo olhar ganha outra animação.

Enquanto se seca para retomar caminho nota que alguma da poeira se desentranhou do vagabundo, que entretanto voltou à antiga farda de trapos. Retira do bolso algumas moedas e deposita-as na mão do homem. Enquanto se afasta sente os olhos do louco cravados nas suas costas, com o mesmo olhar vazio que antes fixava a nascente de água. Distanciando-se ainda mais imagina o olhar do louco a permanecer preso no ponto do horizonte por onde ele se esvai, mesmo muito tempo após o seu afastamento.

Prossegue, com novo alento. Adiante, não longe de Natarbora, aproxima um pastor, com quem estabelece o dialogo dos homens experimentados em proteger os segredos da montanha. Diálogos simples, em que nada se interroga e a nada se responde, em que a conversa evolui ao sabor do que se vê, levando uma coisa à outra.

Ninguém pergunta o nome, ninguém diz como se chama. Um homem passa, vindo de poente e prosseguirá caminho para leste, é a única coisa que o pastor fica a saber. Oferece-lhe a sua comida, maçarocas de milho cozidas, que o mensageiro aceita com gosto, nestes dias será a primeira vez que come algo de jeito. Retribui com tabaco, que o pastor declina. Tem o peito fraco e não encontra aconchego no fumo, diz com um olhar divertido, quase que malandro, como se estivesse a pensar noutros confortos, que não explica quais.

Parte dali acompanhado pelo filho do pastor, um rapaz espevitado que o faz seguir os melhores carreiros para leste, onde as montanhas declinam e as colinas começam a ser povoadas por árvores de maior porte, as árvores de teca.

Por um dia alongam-se nessa paisagem, até que se avizinham de uma ribeira muito larga. Na margem oposta à colina de onde chegou abre-se um

grande descampado, onde não se vê vivalma. Passam a ribeira a vau, deixando a água enrolar-se até à cintura.

Aí, o filho do pastor puxa-o para junto de si e cicia repetidas vezes, Craras, Craras, aqui é Craras, partilhando a ressonância desse local amaldiçoado. Sente o coração apertar-se e vira os olhos para o ponto do horizonte onde a montanha toca no céu. Ao canto afastado onde mora chegara eco das centenas de pessoas ali enterradas vivas, da aldeia arrasada à força de máquinas de terraplanagem, dos velhos decapitados, das mulheres esventradas e das crianças esmagadas depois dos homens terem sido levados para uma execução sem testemunhas. Desse modo os ocupantes retaliaram um ataque da população contra alguns dos seus soldados.

Agora nem aves de rapina se vêm, muito menos vestígios de casas, gado ou gente, pelo que com aliviado vigor retomam a marcha pela montanha.

Adiante pensa com nostalgia nas paisagens de café, agora bem distantes. A terra aqui parece mais seca, as colinas despidas tanto de arvoredos como de gente, ou será que é ele que vê menos gente, talvez as pessoas se escondam, talvez não saiba onde as ver.

Horas depois, nas imediações do Monte Perdido, pressente pela primeira vez que os guerrilheiros não estarão longe, mas o rapaz nada diz e prossegue a ritmo apressado o caminho. Um pouco mais à frente, depois de ter dito que passaram as redondezas de Ossu, essa vila de montanha onde está baseada uma companhia indonésia, o rapaz deixa-o junto a uma casa em palapa e toma logo o caminho de regresso.

A casa está silenciosa e entra nela com cuidado. Entre a penumbra vê um vulto, acororado no chão de terra batida, uma mulher de idade avançada, boca tingida pelo vermelho da noz de mascar, olhos vazios de utilidade, a quem saúda. Sem lhe notar qualquer reacção agacha-se junto a ela e retira do bernal a porção de tabaco embrulhada no lenço de vinho. Em pequenas folhas de papel pardo, que também trouxera consigo, vai enrolando dois cigarros. Coloca o primeiro cigarro na boca desdentada da velha e acende um fósforo, que lhe ilumina momentaneamente o rosto enrugado.

Mesmo com a escuridão a fechar-se percebe que a casa está desprovida de tudo, salvo algumas esteiras que cobrem o chão. Na sua longa vida aquela mulher terá tido um marido. Mesmo que esse marido tenha morrido ainda em jovem, teria tomado segundo homem, tido filhos de um e outro, ou até talvez de um terceiro, ou de nenhum. Mas não há sinal de adultos, parentes ou outros, nem tão pouco de crianças, nem sequer indicação de algum neto ou menino protegido. Qualquer explicação sobre tais ausências será desnecessária.

O que interessa agora é que a velha está só, simplesmente sem mais ninguém, senão o desconhecido que a conforta com tabaco.

Permanecem calados enquanto fumam, mais dois ou três cigarros por cada um, partilham a solidão tendo como repasto único repasto aquele tabaco, até que a noite consagra o silêncio da montanha. Não ouvem galos ou qualquer outro ruído. Estão longe de todas as estradas e não há perto outras pessoas ou animais. Tão pouco se nota o ciciar do vento ou ruídos de pássaros.

Acordado pelo sol da manhã, que passa pela entrada sem porta, o sono levou-o para o canto mais fundo do casebre. Surpreende-se pelo modo como a mulher o fixa desde a soleira. A plena luz parece dotada de maior vitalidade, se bem que sejam mais vincados os traços da idade, na cara engelhada, nos ombros encolhidos, nas mãos deformadas. Surpreende-se por a mulher continuar a fixar o canto onde dormira. Será que afinal não é cega?

Ergue-se suavemente em sua direcção, soltando um jovial “bom dia tia,” que desperta um movimento de sobrancelhas no rosto da anciã e a faz mover os lábios numa inaudível resposta. Sem o ver habituara-se já à sua presença, que lhe quebrara a solidão.

Não precisa de vasculhar para saber que no casebre não há sequer uma malga de arroz. Desce a encosta que cerca a casa. Por perto vê uma mangueira em cujos frutos não toca por ainda estarem verdes. Contornando a encosta, depara-se na subida com uma bananeira e não muito longe, saindo da terra, com batata doce selvagem.

Dirige-se satisfeito para o casebre, bornal e mãos repletas daqueles frutos, quando distingue sons. Acercando-se repara que é a voz da velha, que pela primeira vez ouve. Surpreende-se por soar límpida e forte, numa língua cuja sonoridade desconhece.

Na soleira, diante da velha, no mesmo local onde se agachara na noite anterior, está um homem entroncado, de cabelos enrolados em trança. Não lhe sabe o nome, mas valerá a pena intervir para dizer que se trata de Tuola, o “mais clandestino de todos os clandestinos” como anos depois virá a ser apresentado a uma audiência de vários milhares de pessoas.

Na montanha, Tuola